



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

SÓCRATES E PROTÁGORAS: PARCERIA DIDÁTICA PARA FORMAÇÃO HUMANA

SÓCRATES Y PROTÁGORAS: ASOCIACIÓN DIDÁCTICA PARA FORMACIÓN HUMANA

RESUMO: O objetivo do presente estudo é verificar se há, no *Protágoras*, o que chamamos de cooperação didática entre as intervenções de Sócrates e as do personagem que dá nome ao diálogo, ao ponto de ambos concordarem quanto ao método de aquisição de um saber político. A discussão sobre a ensinabilidade da virtude¹, apesar de configurar temática privilegiada pelos estudiosos do texto, não será o fio condutor desta intervenção. Preferiu-se, ao contrário, ressaltar os momentos em que parece haver uma parceria pedagógica, quase como se houvesse uma só proposta educativa. Esse é o foco do nosso trabalho.

Palavras-chave: Protágoras. Virtude. Equilíbrio educacional.

RESUMEN: El objetivo del presente estudio es verificar si hay, en el *Protágoras*, lo que llamamos cooperación didáctica entre las intervenciones de Sócrates y las del personaje que da nombre al diálogo, al punto de que ambos concuerden en cuanto al método de adquisición de un saber político. La discusión sobre la enseñanza de la virtud, a pesar de configurar temáticas privilegiadas por los estudiosos del texto, no será el hilo conductor de esta intervención. Se ha preferido, por el contrario, resaltar los momentos en que parece haber una asociación pedagógica, casi como si hubiera una sola propuesta educativa. Este es el foco de nuestro trabajo.

Palabras clave: Protágoras. Virtud. Equilibrio educacional.

¹ Nesse sentido, conferir artigo de José Lourenço Pereira da Silva. Sócrates contra a educação sofisticada no *Protágoras*. **Revista Archai**, Brasília, n. 03, pp. 87-96, Jul 2009. Disponível em <http://archai.unb.br/revista>.



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

Introdução

Se em estudo anterior buscamos mostrar o como e o porquê das ciências matemáticas constituírem pressupostos para a educação filosófica, destacando sua relevância pedagógica², neste o intuito é investigar se há subsídios no diálogo *Protágoras* para se falar em cooperação didática entre a metodologia empregada pelo sofista e a metodologia aplicada por Sócrates.

Acompanhando o jovem Hipócrates, logo no primeiro contato, Sócrates interpela Protágoras e quer saber para quê e sobre o quê o jovem vai ficar melhor com as lições do sofista (318d). A resposta apresenta com clareza o objetivo pedagógico almejado:

‘O meu estudo é o bom conselho sobre os assuntos domésticos, como melhor ele possa administrar a própria casa, e sobre os assuntos das cidades, como ele poderia ser mais capaz realizar as coisas das cidades e para falar sobre elas.’ (318e-319a).

Com isso o que estará em jogo é a eficácia do método de ensino utilizado por Protágoras. Fica evidenciado tal problema no trecho seguinte, em que Sócrates afirma:

‘até aqui eu crera que a arte política não podia ser ensinada, e isso por duas razões: a primeira é que nas assembleias públicas em todo negócio que exige conhecimentos especiais apenas se escutam pessoas do ofício, e em assunto político se escutam todas as pessoas, sem exigir que tenham feito algum estudo da política; a segunda é que os grandes homens são incapazes de comunicar aos filhos a virtude.’ (320a).

Não apequeno a importância do contexto cultural, das condições sociais e das pressões políticas que nutrem a reflexão filosófica no referido diálogo. Pelo contrário, afirmo apenas que a leitura do texto pode se dá pelo viés da investigação pedagógica,

² Refiro-me ao trabalho intitulado *‘Futuro no passado: atemporalidade do saber filosófico no projeto educativo sugerido em República VI-VII.’*, apresentado no Painele 05 do XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, em 12 de julho de 2013.



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

tentando compreender se é possível falar em cooperação entre as duas metodologias de ensino.

Há espaço para cooperação didática entre a educação filosófica e a educação sofística esboçada no *Protágoras*?

É certo que existem sugestões para tentativa de harmonizar a noção socrática de virtude com a concepção veiculada por Protágoras no diálogo em questão. Não entramos neste mérito aqui. Nossa questão tem contornos eminentemente didáticos³ e pedagógicos: há espaço para cooperação entre educação filosófica e educação sofística no *Protágoras*?

Utilizando a definição de Protágoras quanto à sua profissão, e que fora aceita e bem compreendida por Sócrates, resta agora saber se é possível aplicá-la em harmonia, ao menos parcial, com as concepções subjacentes nas intervenções socráticas e nas de Protágoras no diálogo *Protágoras*. Respeitando a sequência em que aparecem no diálogo, selecionamos quatro pontos que julgamos pertinentes à nossa discussão: os pressupostos da educação política (318^a-320e), a condição humana (322e-328e), o método de ensino (352b-e) e a caracterização dos saberes e do conhecimento (357 - 362).

Para além da questão da ensinabilidade da virtude e da suspeita manifesta por Sócrates quanto à eficácia do ensinamento sofístico no início do diálogo (312b), a discussão principia com a declaração de Protágoras de que educa os homens e os torna melhores quando em sua companhia, tornando-os mais eficazes no agir e no falar (318d-319a), sendo convidado (ou forçado) por Sócrates a explicitar se a virtude é herdada ou adquirida.

³ Esclareça-se que utilizamos didática como arte de ensinar com método e pedagógico como intenção de educar.



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

Num grande passo que explana a condição humana (322-328), embora Protágoras reconheça que a virtude seja a coisa mais bem distribuída entre os homens e da qual participam em alguma medida todos os cidadãos, sustenta que ela não se desenvolve por si mesma, mas é algo que se pode ensinar e em que se progride por aplicação.

Até aqui, segundo nosso entendimento, não há propriamente uma reprovação por parte de Sócrates ao método de ensino apresentado por Protágoras. Pelo contrário, parece-nos haver até um certo interesse em entender os pressupostos que o sustentam e medir a eficácia da sua aplicação.

Destacamos, especificamente, a semelhança do currículo formativo apresentado pelo sofista em 326a-d com aquele discutido e esboçado por Platão na *República*. Seria isso uma evidência do parentesco entre as concepções pedagógicas? Somos inclinados a dizer que, no contexto do diálogo, sim. Nessa direção, outros traços reforçam essa aproximação: a necessidade de se praticar a virtude; não há um mestre da virtude, pois todos o são; aceitação do argumento de Protágoras sobre a participação de todos na virtude política; reconhecimento da superioridade do método de Protágoras; concordância quanto à necessidade de um ajuste metodológico para prosseguirem na discussão; reconhece a prática da virtude como relativa; inversão das posições ao final do diálogo.

Saber pessoal como premissa pedagógica

A par do que se colocou até agora, deixando provisoriamente de lado para fins do nosso estudo a questão da unidade da virtude (330-350), fica indeterminado de que tipo de conhecimento se trata, em relação à aquisição da virtude (357-360), permanece em aberto a possibilidade de cooperação pedagógica e de competência didática entre ambas as propostas formativas: se a virtude política é considerada capacidade de argumentação e persuasão, então o método explicitado por Protágoras é eficiente; se, de



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

outra banda, a virtude política é aceita como capacidade de conhecer um fundamento objetivo do agir, então o método exigido por Sócrates tem lugar.

Todavia, o mais interessante, do ponto de vista pedagógico, é que não precisam se excluir reciprocamente e promovem a aquisição de um saber pessoal, edificado individualmente, embora testado e aplicado coletivamente. Parece-nos, em ambos os discursos (de Sócrates e de Protágoras), haver uma exigência inegociável: a da participação ativa do interlocutor, gerenciando seu próprio processo de aprendizagem.

No diálogo em comento, por vezes, os interlocutores se portam como parceiros de discussão, buscando um objetivo comum e não necessariamente como competidores, reconhecendo-se mutuamente como bons debatedores e dispostos a aprofundar a questão filosoficamente.

Se, por um lado, o conjunto de argumentos até aqui expostos não assegura uma harmonia entre educação filosófica e educação sofística, tal como a concebemos, aqui neste estudo; por outro lado, também não a impossibilita. De uma parte, constrange ao elencar uma série de competências e habilidades necessárias a uma educação de 'excelência'; de outra, confere flexibilidade na composição curricular e na execução do projeto pedagógico adequado à boa governabilidade da cidade. Para tudo isso, não prescindem de uma premissa pedagógica: todo saber é pessoal.

As contribuições e contradições deixadas por Sócrates e Protágoras

Não é exagerado apresentar a filosofia da educação como área do conhecimento que se debruça sobre os fundamentos do ato educativo. É igualmente razoável acrescentar que se ocupa em questionar as metas da formação humana.

Sugerindo uma ruptura com a tradicional educação poética, lançando mão de um pensamento crítico e sistemático, a filosofia floresce em todos os campos do



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

conhecimento. No que se refere à educação, a figura de Sócrates apresentada por Platão sintetiza o ideal da formação filosófica de sua época. Por outro lado, a concepção sofista reforça a necessidade de se exercitar a capacidade de persuadir, a conquista do poder político e os relativismos dos saberes humanos.

Mas não queremos aqui falar de uma ciência enganosa, aparente ou imediata retratada e relacionada à figura de Protágoras, mas sim fundamentar que há nessa metodologia uma semelhança ou parceria com a prática do filósofo Sócrates.

Portanto, este estudo busca argumentar no sentido de que as teses sustentadas por Sócrates e Protágoras têm influências convergentes na formação do cidadão. A cooperação didática entre as metodologias aplicadas por Protágoras e Sócrates é um convite para compreensão do que é preciso para se tornar um ser humano melhor e o empenho necessário para se manter como tal.

Ambos admitem que por meio de uma educação adequada tal resultado poderá ser alcançado e sinalizam a necessidade de uma dedicação integral na busca do saber para que seja possível conduzir-se de uma maneira excelente. Nessa direção, não será exagero considerar e questionar as metas da formação humana a partir dos fundamentos do ato educativo que se correlacionam nas propostas de Sócrates e Protágoras.

Para romper com a tradição poética e sintetizar o ideal da formação filosófica, Sócrates ressalta os seguintes aspectos: a Maiêutica, em que o interlocutor é levado a destruir seu conhecimento para que depois possa reconstruí-lo de maneira mais complexa; a Ironia, que não era utilizada no intuito de ridicularizar, mas na intenção de levar o interlocutor a dificuldade racional, ou seja, aporia; a Episteme onde o interlocutor se distancia da doxa para encontrar o verdadeiro conhecimento e o Saber Pessoal onde o interlocutor por si próprio enche de luz o seu conhecimento, como um exercício espiritual. Exercício espiritual neste contexto é entendido como prática filosófica que correlaciona bem estar físico, intelectual, moral e emocional, sendo, portanto, inseparáveis na aquisição do que representaria a marca do filósofo nas



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

atividades cotidianas, privadas ou públicas: *a virtude*. Configura-se uma espécie de rotina para aquisição/manutenção do saber.

Enquanto proposta para o cuidado da alma, faz-se necessária a prática desta rotina citada no parágrafo anterior em que a fala, bem empregada, é a expressão por excelência da cultura democrática, expressão política cujo fundamento se vê na ação de dialogar, ou seja, conversar filosoficamente. Este por sua vez torna-se imprescindível por estabelecer um equilíbrio entre o que se fala e o que se faz, para que não existam contradições entre as referidas ações.

Ainda colhendo elementos do seu intuito formativo, é possível perceber que, com suas lições, Sócrates preocupava-se com a preguiça da alma, sendo este responsável por estagnar o homem e para evitar que tal coisa acontecesse, propunha a dialética como método de saber questionar e responder, respeitando necessariamente a centralidade do discurso, pois a dialética platônica era concebida como um método que leva à aquisição de ideias com a capacidade de dar e receber fundamentos, levando portanto o ser humano a aquisição e domínio do conhecimento que servirá para uma melhor conduta de vida⁴.

Já para Protágoras o homem representava a medida de todas as coisas. Opondo-se, ao menos no início, a Sócrates, para o sofista a verdade era dependente da circunstância, valorizando portanto o Relativismo. Nessa perspectiva, aguçando o olhar pedagógico e formativo, perguntamos: Protágoras estaria mesmo ensinando a arte de viver bem? Ou estaria contribuindo para a formação do ser humano? “O meu estudo é o bom conselho sobre assuntos domésticos, como melhor ele possa administrar a própria casa, e sobre os assuntos das cidades, como ele poderia ser mais capaz para realizar as coisas das cidades e para falar sobre elas.” (SEABRA, 1998, p. 62)

Não pretendemos neste estudo enaltecer o sentido negativo da palavra sofista, que com o passar do tempo foi visto como um caçador de jovens ricos para negociar o

⁴ Conferir artigo de Giovanni Casertano. Dialética. 2014



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

saber. Ao contrário, preferimos entender seu método de ensinabilidade como motivação da fala para não comprometer a saúde da alma em sua dinâmica política. Afinal, uma vez cometido o erro da fala, não apenas será atingindo quem presencia tal acontecimento, mas igualmente aquele que o realizou.

A educação como proposta pedagógica

Quanto ao início da ensinabilidade, Protágoras reconhece a necessidade do suporte educacional desde criança, porquanto é preciso ensiná-las a serem virtuosas antes de encaminhá-las a escola. E citará que ler obras de bons poetas, ter aulas de música e ginástica, como exercícios para apropriarem-se de ritmos e harmonia, auxiliarão uma conduta que contribuirá para uma alma virtuosa.

Retomando a postura do Sofista ao direcionamento de seus alunos, é preciso questionar se este aprendizado do jovem estava baseado em um interesse público ou pessoal. E se estas lições que Protágoras se dizia capaz de ensinar não estavam voltadas para elevação da alma daquele aprendiz, que através da interiorização deste saber o mesmo seria capaz de melhorar, e conseqüentemente devolver este aprendizado para a sociedade política.

Sendo este questionamento um dos fios que conduzem esta pesquisa, deixamos nos guiar por este pensamento para aproximar as propostas pedagógicas de Sócrates e Protágoras como contributos para intuito de tornar o ser humano melhor. É possível entender que ambos, mesmo que não declarado expressamente, estejam ligados pelo desejo educativo de tornar melhores os que com eles convivem, sem com isso cometermos leviandade ou absurdos hermenêuticos.

Para fazer essa aproximação entre os argumentos ventilados pelos personagens Protágoras e Sócrates, tentamos reconstruir uma concepção de educação, enquanto formação humana, a partir do que conseguimos debulhar das suas propostas



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

pedagógicas. Para além das aparentes, e superáveis, contradições entre ambos, nossa pesquisa encontrou uma intenção educativa compartilhada por eles que nos autorizou uma aproximação entre as contribuições deixadas pelo sofista e Sócrates. Inicialmente, verificamos um conflito de concepções entre os interlocutores sobre o que é virtude e se ela pode ou não ser ensinada, mas na sequência, na medida do avanço da pesquisa, foi possível identificar a convergência de ambos sobre o que falam e o que desejam.

O conflito Pedagógico

Para Sócrates o saber é pessoal, mas Protágoras diz que a virtude pode ser ensinada. É desse conflito que surge o ponto de partida para identificar as contribuições pedagógicas legadas por ambos. Dentro das diferentes propostas da educação grega, é possível verificar que existe equilíbrio educacional nos métodos de Sócrates e Protágoras.

Neste estudo, entende-se que aprender é um processo contínuo da prática educativa, e deste modo todo o aprendizado proporciona ao homem relação consigo mesmo, que necessariamente estende-se ao outro num equilíbrio educacional. Afinal, no contexto do diálogo *Protágoras*, o conhecimento só será válido se levar o ser humano a uma conduta melhor e a saúde da alma será mantida pelo cuidado e zelo do bem falar.

Reconhecendo a importância do conhecimento no ato de aprender, e como consequência extraindo uma conduta apropriada para harmonizar sua alma e seus atos, entende-se que foi possível estabelecer um equilíbrio entre o processo de aprendizagem e viver bem.

Se for pertinente dizer que este aprendizado proporciona ao homem uma relação íntima consigo mesmo, nesta afirmação já é possível identificar proposta pedagógica socrática e sofista simultaneamente. Pois este ato de se relacionar propiciará ao homem o ato de se observar e selecionar suas atitudes, proposta pedagógica presente em



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

Sócrates, e ao mesmo tempo é possível verificar que através deste exercício estará o homem medindo seus posicionamentos, ou seja, sendo ele mesmo sua própria medida, presente na proposta do sofista.

Considerando o que é aprender e ensinar nas perspectivas de Sócrates, destaca-se como objetivo a intenção de fazer seus alunos se libertarem do orgulho do saber. O filósofo utiliza a maiêutica e a ironia como métodos que conduzem ao melhor do aprendizado. Tendo o aluno se libertado e reconhecido que nada sabe, é possível reconstruir suas ideias e conhecendo-se é possível alcançar a sabedoria que o levará ao agir virtuoso.

Já para Protágoras, o objetivo é ensinar seus discípulos a alcançarem o sucesso, afirmando ser possuidor da técnica desse conhecimento e que a prática da oratória levaria ao êxito dos negócios públicos e individuais. É razoável admitir que, quando o sofista utilizava da prática de fazer seu discípulo sentir que tinha se apropriado do conhecimento, tornava possível a tese de que este era capaz de ensinar a arte da virtude, induzindo assim a sensação de conhecimento.

Para o sofista, a arte de ensinar o jogo de palavras era fácil e quem se apropriasse dela tornaria possível o prevalectimento de seus interesses. Seria capaz, qualquer pessoa de fazer parecer o não tão afirmativo quanto o sim? Era sobre esta capacidade que o sofista ostentava. Portanto está presente neste ato uma das bases que sustentam a afirmação desta pesquisa.

Dentro do processo de ensino é preciso considerar seus elementos constitutivos, voltados para determinada finalidade e o professor tem como meta manter o conector entre a relação ensino-aprendizagem para que seu aluno consiga estabelecer um equilíbrio entre a necessidade e vontade de aprender. E Protágoras era enfático ao assumir este papel.

Ainda nesta perspectiva do processo de ensino-aprendizagem é necessário enxergar que há espaço para ambas às propostas, tornando-se produtiva esta relação de cooperação e trazendo uma relação de parceria que é vantajosa para toda a sociedade.



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

Quando fazemos essa análise através de um olhar direcionado para esta aproximação, rompemos uma tradição julgadora de propostas pedagógicas e relacionamos uma conectividade de cooperação para uma finalidade única. Mas não queremos aqui induzir o leitor a pensar que falamos de uma mesma proposta, e sim da cooperação que se soma para tornar o ser humano com atitudes melhores, privilegiando a relação com a sociedade.

De acordo com Seabra (1998, p. 63)

Protágoras discursa, assim, longamente, só para mostrar que é ensinável a virtude política. Começa com o mito de Prometeu e as origens da civilização; diz que todos os homens não só estão dotados, mas até devem participar da política, e que tal capacidade pode ser aperfeiçoada, melhorada com o ensino. E aí estão os sofistas, que podem ensinar.

Por considerar o homem medida de todas as coisas, Protágoras defende a tese de não existir verdade absoluta, ao contrário de Sócrates que incitava seus alunos a descobri-la. E para entender a tese do homem-medida, é preciso uma compreensão do Relativismo. Sendo este a recusa de qualquer proposição filosófica ou ética de valor universal e absoluto. Considerando que tudo que se diga ou faça é relativo ao lugar, à época e demais circunstâncias nas quais o homem se encontra⁵. Para Protágoras, a influência dos vários elementos torna possível existir muitas verdades a respeito das mesmas coisas.

Elementos que influenciam o relativismo surgem de aspectos culturais, sociais e emocionais, contribuindo para a diversidade de verdades que rodeiam a mesma coisa, mas que se observada de ângulos diferentes mostrará como é possível enxergar verdades posicionadas de modo discrepante.

Nesse confronto de várias verdades, Protágoras talvez desejasse apenas fazer seu discípulo compreender que o uso adequado das palavras fosse realizado de maneira que

⁵ <http://www.presbiteros.com.br/site/o-que-e-o-relativismo/> Acesso em 29.11.2015



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

aquilo que julgasse necessário fosse utilizado para conseguir o que se almejava. Tendo em questão aqueles jovens ricos, desejosos do poder, este por sua vez fazia acreditar que seriam capazes.

Na proposta do sofista, o aluno deve se comportar de modo com o que deseja ser, para que com sua disposição alcance a imagem que almeja e com domínio da educação como ferramenta de auxílio em seu discurso conseguiria chegar ao sucesso.

Persuadir através de um bom discurso parece algo notável de imediato numa leitura rápida do diálogo *Protágoras*. Todavia, é cabível uma reflexão acerca de como realizar esta persuasão, é possível enxergar que se realizam subtrações de opiniões que são piores por aquelas que julgamos ser melhores. Na tentativa de uso dessa substituição de algo pior por algo que aparentemente é melhor surge o efeito de sucesso esperado, mas não será de modo individual e sim de maneira coletiva, pois há uma sintonia de satisfação que é preferível chamar de equilíbrio educacional, que exerceu sua função imediata de satisfazer o todo e não apenas o individual.

Mas talvez seja proveitoso questionar se o conhecimento de fato existe, uma vez que se considerar o conhecimento como algo que se sente, aquele que o faz sentir deve conseguir empenhar esta teoria para fortalecer este saber, mas se este não for capaz, o conhecimento pode deixar de existir. É surpreendente pensar que algo é verdadeiro para quem sente, assim como parece estranho aquilo que parece ser tão verdadeiro para quem sente deixar de ser para quem não sente. Dessa forma o sofista modifica com suas palavras o estado de alma de seus ouvintes.

No diálogo, Sócrates em conversa com o jovem Hipócrates pede que tome cuidado com o que vai expor sua alma: “é vantajoso ou prejudicial para a alma, poderás comprar conhecimento sem perigo nenhum, não só de Protágoras como de qualquer outro sofista.”(313e) A compra de alimento para a alma, alerta Sócrates, é diferente da compra de alimento para o corpo, pois este último pode ser transportado em potes e levado para casa. Antes desse alimento ser consumido podemos consultar um especialista para nos informar acerca da quantidade e do tempo em que o alimento



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

precisa ser ingerido. O alimento da alma precisa ser adquirido no momento da aula, uma vez que é a própria alma o pote (314ab)⁶.

Para Sócrates, o diálogo deve ser travado com o intento de transformação positiva da alma. No entanto, Protágoras usa da técnica da refutação para a vitória de disputa verbal. Sendo assim, seria pertinente a este confronto de metodologia, perquirir se esta divergência seria Prática Filosófica ou Exercício Espiritual, ou se trata da mesma coisa.

Metodologia

Para relacionar e confrontar as informações subtraídas no material estudado observe a aproximação das propostas de Sócrates e Protágoras no quadro abaixo, para compreender essa relação entre os gregos de maneira sintetizada, e que tenta explicar as metodologias e interesses dos filósofos:

	Sócrates	Protágoras
Interesse	Governar a si mesmo, segundo um modelo ideal de cidade;	Governar diretamente a cidade;
Metodologia	Levar o indivíduo à aporia ⁷ ;	Transmissão do saber;

Perpassando a visão imediata da síntese acima apresentada e refletindo um pouco mais sobre os interesses de Sócrates e Protágoras será possível verificar que os resultados da aprendizagem e da educação nos possibilitam atos justos, transformam

⁶<<http://umaconversasobrefilosofia.blogspot.com.br/2013/05/protagoras.html>> acesso em 29.11.2015

⁷ A **Aporia** [Do gr. aporia, “caminho inexpugnável, sem saída”, “dificuldade”.] é definida como uma dificuldade, impasse, paradoxo, dúvida, incerteza ou momento de autocontradição que impedem que o sentido de um texto ou de uma proposição seja determinado.< <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aporia>> acesso em 29.11.2015



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

nossa alma e permite que a cidade seja beneficiada. E é sobre essas questões que o fio condutor desta pesquisa se nutriu.

É pertinente para a busca desta transformação da alma que temos discutido desde o início deste estudo que será o conjunto de ações organizadas que tornará possível essa mudança, que inicia na ensinabilidade, passa pela aquisição do conhecimento e conclui seu ciclo na exteriorização dos seus atos.

Apesar da distância que há entre a proposta educacional socrática e a metodologia pedagógica do sofista, foi possível encontrar fundamentos que sustentam a tese de que Protágoras e Sócrates estão relacionados em seus métodos educacionais, pois ambos concordam que para se apropriar da virtude será necessário esforço por parte do indivíduo⁸, e que este será capaz de progredir com a prática da justiça, temperança e santidade.

Convém compreender que nosso posicionamento não se apoia no método de ensino socrático ou sofístico com vistas ao êxito ou em adquirir o sucesso, mas no posicionamento do indivíduo em se predispor a se tornar melhor. Uma vez recebido os contributos educativos socráticos ou advindos da metodologia sofista, será possível entender a si mesmo primeiro, seja interiorizando este saber ou exteriorizando o que conseguiu encontrar dentro de si próprio.

Segundo Protágoras, com educação é possível induzir sensações e opiniões benéficas e úteis, ou seja, o indivíduo de má constituição de alma, será capaz, com o ensino da virtude a ter opiniões diferentes das suas primeiras. Para ele, a transformação política pode ser produzida de maneira tranquila e progressiva através do bem falar e é pelo domínio da educação que se atingirá o registro público. Como refere Alonso Tordesillas (2008, p.12) “Assim como a educação opera uma mudança na alma, através

⁸ Conferir artigo de Robson Gabioneta. Analisar as aparições de Protágoras nos diálogos Teeteto e Protágoras. Vol. 3, nº 1, 2010. Disponível em [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/RobsonGabioneta\(44-52\).pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/RobsonGabioneta(44-52).pdf)



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

do poder do logos, esta modificação é estendida para o Estado no sentido de útil, vantajoso e benéfico.” Segundo o sofista, é preciso fazer bom uso das palavras e através do domínio da educação será possível atingir o sucesso na administração pública e governar a cidade.

Por ser capaz de fazer seu aluno tornar forte um argumento inicialmente fraco, Protágoras afirmava ser capaz de ensinar a arte de viver, e por isso cobrava quantias consideradas abusivas, no entanto criou uma maneira de passar a responsabilidade do valor cobrado pelos seus ensinamentos aos seus discípulos. A eles sugeria que fosse a templo e jurasse pelo peso do aprendizado o valor do pagamento, mas ainda sim não escapou de ser surpreendido com sua própria armadilha.

Aulo Gélío conta que Êuatlos procurou as aulas de Protágoras, a quem prometeu pagar grande soma de dinheiro. O sofista lhe pediu de início a metade dessa soma e a promessa que receberia a outra metade quando o aluno vencesse a primeira causa. Após algum tempo como aluno, Êuatlos progrediu no estudo da eloquência e teve sucesso na carreira de advogado. Protágoras passou então a reclamar a outra metade da quantia que lhe era devida e moveu processo contra Êuatlos, que não lhe pagava. No dia do julgamento, estando um diante do outro, Protágoras disse: “Aprende, jovem muito tolo, que de qualquer maneira deverás dar-me o que solicito, quer os juízes pronunciem a teu favor ou contra ti. Se o processo se conclui contra ti, terás de me pagar os honorários; mas se te for favorável, os honorários me serão também devidos, em razão de nosso acordo”. A isso Êuatlos respondeu: “Aprende tu também, mestre sapientíssimo, que de qualquer maneira não te darei o que me pedes. Pois se os juízes dão sentença em meu favor, nada te deverei, pois terei vencido; mas se ao contrário eles pronunciarem contra mim, então não te deverei nada, em razão de nosso acordo, pois não terei vencido.” (SEABRA, 1998, pp.59-60)

Esta capacidade discursiva do sofista permite a substituição das piores opiniões por outras melhores, induzindo assim, sensações e opiniões benéficas e úteis ao homem-medida. Protágoras sustenta a teoria de a virtude ser ensinável por considerá-la conhecimento. Apropriar-se do saber não é algo que se recebe da natureza, mas sua



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

aquisição deve-se a um processo educativo contínuo, ou seja, aprender deve ser um processo contínuo da prática educativa.

Por dentro desse raciocínio, é honesto considerar a aquisição do conhecimento através do ensinamento do sofista, uma vez que resgata do exterior induz ao homem a possibilidade de recuperar a sua alma através da prática do bem. Segundo Tordesillas (2008 pp. 21-22)

A arte do sofista é semelhante à arte do médico: “é necessário mudar uma disposição pior por outra melhor. O médico consegue mudar os sintomas da doença, mas antes de curar o homem. médico consegue essa modificação por meio de medicamentos; o sofista, com discursos” (167 a).

Caberia dizer que este ato de transformar o interior através dos discursos do sofista permite ao homem um reencontro com o que talvez o tivesse perdido e se apropriar dessa disposição transformadora faz com que se estabeleça uma conformidade com a prática do bem, assim entendida como virtude. Segundo Kerferd (1990, p.130 citado por TORDESILLAS, 2008, p. 30): "Os homens não recebem a *aretê*⁹ política da natureza, mas da educação, e que sua aquisição é o resultado de um processo contínuo no seio de cada comunidade".

A educação entendida como método que conduz a aquisição da aretê ganha notoriedade por sua complexidade e confronta o pensamento socrático, pois trata-se de uma afirmativa de ser possível adquirir o conhecimento. Com esta apropriação de

⁹ **Aretê** (do grego **ἀρετή** *aretê,ês*, "adaptação perfeita, excelência, virtude") é uma palavra de origem grega que expressa o conceito grego de excelência, ligado à noção de cumprimento do propósito ou da função a que o indivíduo se destina. No sentido grego, a virtude coincide com a realização da própria essência, e portanto a noção se estende a todos os seres vivos. Segundo Sócrates, a virtude é fazer aquilo que a que cada um se destina. Aquilo que no plano objetivo é a realização da própria essência, no plano subjetivo coincide com a própria felicidade. Na Grécia Antiga, aretê significava também a coragem e a força de enfrentar todas as adversidades, e era uma virtude a que todos aspiravam. *Aretê* foi também importante elemento na paideia grega, o conceito de educação integral para a formação de um cidadão virtuoso e capaz de desempenhar qualquer função na sociedade. O treinamento na *aretê* envolvia educação física, oratória, retórica, ciência, música e filosofia, além de educação espiritual. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Aret%C3%AA>> acesso em 28.11.2015



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

conhecimento interiorizada cumpre-se a primeira etapa da ensinabilidade da virtude e com esta ação concluída é a vez do aluno colocar em prática sua determinação de querer ser um ser humano e com o hábito diário permanecerá sendo um indivíduo melhor. Tarefa que exigirá a lição citada no início deste artigo, relacionada às lições socráticas mas que será retomada para incorporar o método de aquisição do conhecimento nas lições de *Protágoras*.

É possível um conhecimento que não foi estimulado para a prática e extensão de uso seja condenado a não ser útil para seu possuidor, pois aquele saber que de maneira individual seja guardado como um segredo e não seja revelado para a comunidade de nada servirá, pois não exercerá sua função de elevar o homem e sua alma.

Portanto será através do confronto bem conduzido das opiniões, onde o discurso do sofista atravessa o corpo para chegar ao interior da alma, que ocorrerá a transformação do educando seguida da exteriorização que será estendida para o outro gerando o equilíbrio educacional com reflexos inegavelmente benéficos para a cidade. É preciso considerar que na tese de Protágoras cada um é responsável por sua medida, e que este equilíbrio deve ser visto como uma extensão de seus atos, mas que estejam em prática diária para manter-se relacionados.

No método educacional de Sócrates não seria realizada exatamente dessa forma tal qual entendida na metodologia do Protágoras, pois o filósofo tencionava um amadurecimento interior e reflexivo em busca de entendimento próprio para elevação da alma. Não desconsiderando as metodologias de ambos, mas relacionando-as, é no ponto interior que parece haver conexões pertinentes a este estudo, que entende como contribuição pedagógica para formação do ser humano esse estado de ligação consigo mesmo como imprescindível para se tornar melhor.

É evidente, durante todo o diálogo, que o processo de se educar é atrativo tanto para o filósofo quanto para o sofista. Ambos apresentam evidências de que estão familiarizados com o processo formativo que liga umbilicalmente o conhecimento da intimidade da alma com sua atuação política. Exemplos disso vemos no dialogo interior



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

em que Sócrates entendia o caminho para o melhoramento individual, ou até mesmo na batalha verbal, onde o sofista acreditava ser capaz de garantir este sucesso no domínio público. No meio deste caminho, de acordo com nossa interpretação, coincidem os interesses de Sócrates e Protágoras com a educação que possivelmente buscavam o mesmo resultado.

Parece haver um equilíbrio nas propostas educacionais dos filósofos ao concordarem que o diálogo é o método de aprendizagem mais eficaz. E para tal, até o ato de pensar já é suficiente, uma vez que permite uma conversa interior e silenciosa da alma consigo mesmo. E quando é possível realizar esta busca, onde inevitavelmente se procura a si mesmo, sem intenção ou talvez não se compreenda deste modo, a busca é na verdade um princípio de como ser este cidadão melhor e contributivo para a sociedade através do ato de se educar. Ora, se para Protágoras o homem é a medida de todas as coisas, e para Sócrates o saber é pessoal há uma aproximação de ideias que reforça a contribuição de ambos em tornar o ser humano melhor.

De outra banda, suas metodologias parecem distantes, quando consideramos outros diálogos platônicos e tomamos por premissa uma tarefa interpretativa de caráter sistemático. Essa não foi a metodologia utilizada em nossa pesquisa. Ao revés, utilizamos apenas o *Protágoras* por considerarmos sua pertinência e relevância aos que atuam no campo da educação, sobretudo na seara pedagógica. Comungamos da ideia de SEABRA FILHO ao defender que “o trabalho do professor, seja filósofo ou sofista, será de mostrar ao discípulo a excelência moral e política como o caminho para o bem viver.” (1998, p.66)

Considerações finais

A cooperação didática evidenciada entre as intervenções socráticas e a metodologia aplicada pelo sofista apresentada neste estudo se direcionam com contribuição para aquisição do saber, como sendo equilibradas para um único propósito.



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

Para além da discussão da ensinabilidade da virtude, o que se pretendeu neste estudo foi apresentar uma parceria pedagógica entendida como se fosse uma mesma proposta educativa, com intuito de aproximar as metodologias do filósofo Sócrates e o sofista Protágoras. Não reduzindo o contexto cultural, social e político nutridos no referido diálogo que serviu como base para esta pesquisa, mas valorizando a função pedagógica que compreende a conexão entre as duas propostas.

Como pilares dessa discussão, a educação política, a condição humana, o método do ensino e caracterização dos saberes e conhecimento foram os elementos condutores do contexto dessa parceria didática e pedagógica citada no desenvolvimento do artigo, com intenção de provocar uma aproximação notória e válida para a elevação de melhor conduta da alma.

Do confronto inicial, a respeito de saber se a virtude pode ou não ser ensinada, haurimos o entusiasmo para avançar no sentido de compreender os argumentos dos interlocutores não como excludentes, mas complementares, percebidos como intenção de educar e discussão sobre a efetividade do processo de construção do conhecimento ético e político.

Questões como a necessidade de se praticar a virtude, o reconhecimento sobre a prática de a mesma ser relativa e a inversão de opiniões sobre a ensinabilidade da virtude ao final do diálogo representam subsídios que evidenciam a aproximação entre as concepções pedagógicas dos personagens.

Durante todos os passos do diálogo, temos como principal protagonista no ato educativo o ser humano, e não as metodologias aplicadas. Portanto, é imprescindível reconhecer que o desafio não está apenas em adquirir o conhecimento, mas na capacidade de permanecer com a prática de atos virtuosos, o que diferenciará o sábio daquele que não caminha com o conhecimento.

Ao lermos o *Protágoras* não observamos uma competição, nem mesmo uma reprovação recíproca das propostas. O que enxergamos foi um percurso formativo no



Rodrigo Silva Rosal de Araújo e Valeska Ferreira Lima Clementino
Universidade Federal da Paraíba

qual educando e educador estão jungidos por uma forte relação de confiança e uma inabalável convicção de que se tornarão melhores.

Referências

SEABRA FILHO, J. R.. Protágoras e a virtude ensinável. **Letras Clássicas**, São Paulo, v. 2, p. 57-66, 1998.

GABIONETA, Robson. Analisar as aparições de Protágoras nos diálogos Teeteto e Protágoras. **5º encontro de pesquisa na graduação em filosofia da Unesp**. Vol. 3, nº 1, 2010.

TORDESILLAS. Platão, Prótagoras e o homem-medida, **Dissertatio**, 29, 2009, pp. 11-42.

SARAMANCH KIRNER, F.. Protagoras y el enunciado del 'hombre medida'. **Éndoxa: Series Filosóficas**, nº5, 1995, UNED, Madrid, pp. 145-169.

Recebido em junho de 2017

Aprovado em julho de 2017